

Nelson Rodrigues

CIDADE

Com

André Sant'Anna

Carlito Azevedo

Aldir Blanc

Veronica Stigger

Suzana Flag

Leu a placa: “Pensão Oriente” — teve uma última hesitação, mas acabou entrando estranhamente perturbado. Logo apareceu uma mulher de *peignoir*, tornada lívida pela falta de pintura. Ficou a olhá-lo, da cabeça aos pés, com uma curiosidade minuciosa que o humilhou. “Repara na minha roupa”, pensou, “vê que estou maltrapilho”. Estava mesmo. Mas o que impressionava mais nele era o olhar ardente de febre.

— Queria ver Branca — gaguejou.

— Bem, vou chamá-la; não sei se saiu do banho.

Ele respirou aliviado quando a outra se foi. Estava num tal estado, de mórbida susceptibilidade, que um olhar mais demorado, de quem quer que fosse, bastava para exasperá-lo. A mulher chegou ao pé da escada, gritando para o andar superior:

— Branca, estão procurando por você!

Claudio estremeceu, na expectativa da voz da irmã.

— Quem é? — perguntou Branca, lá de cima.

A outra disse “não sei” com uma voz indiferente e olhou ainda o rapaz, uma última vez, antes de entrar por uma porta qualquer. Uma angústia tão intolerável o invadiu que, por momentos, sofreu a tentação de fugir, desaparecer, deixar aquele ambiente.

Resumo de Cidade

Em 1937, Nelson Rodrigues publicou no jornal O Globo o primeiro capítulo de sua novela Cidade. Sob o título “O Irmão...”, o início desse projeto editorial era tecnicamente completo, com personagens bem-desenhados e uma trama instigante apresentada ao leitor.

No entanto, a novela nunca foi terminada. Acreditando na qualidade do material, a Editora Nova Fronteira convocou quatro destaques da nossa literatura para dar continuidade ao que Nelson começou em 1937.

Assim, de capítulo em capítulo, André Sant’Anna, Carlito Azevedo, Aldir Blanc e Veronica Stigger conduziram a história concebida por Nelson, prestando tributos à obra do mestre, mas também deixando as suas marcas.

O arremate de Cidade é um grande exercício da própria Nova Fronteira. Em esforço conjunto, os editores amarraram os textos de maneira surpreendente, vibrante, emocional. Não à toa, o último capítulo tem a assinatura de Suzana Flag — o pseudônimo feminino mais marcante de Nelson.

Mais do que uma solução engenhosa para terminar a história de um dos ícones de seu catálogo, mimetizar Suzana Flag é um agradecimento formal ao legado de um homem que viveu para e pela palavra.

[Acesse aqui a versão completa deste livro](#)